

Nossa Senhora da Candeia, ou do Candelabro — Quadro de Raphael Sanzio ou de Urbino

O quadro, cujo transumpto apresentâmos hoje, pedia, a mais de um respeito, o estudo vagaroso e detido que requerem sempre as obras de elevada significação artistica. Raphael não é um nome que symbolise apenas a menor ou maior quantidade de faculdades creadoras que um homem póde resumir em si; Raphael é, se m'o permittem, a synthese admiravel d'essa transição, na apparencia repentina, que, dando um novo curso ás idéas, imprimiu no trabalho humano um cunho especial e novo. Não é preciso folhear Gruyer, nem soccorrermo-nos aos livros, mais ou menos auctorisados, que tratam da investigação dos factos da renascença (é isso para outro logar e para outras circumstancias); o que vamos dizer será unicamente o indispensavel para que os leitores estranhos á fadiga das lucubrações litterarias se orientem sobre o quadro em questão, bem como entrevejam o vulto grandioso e sympathico do pintor de Leão x.

Quando se voltam os olhos para esse periodo de efflorescencia intellectual, para essa primavera repleta de flores e de seiva, de gorgeios e de auroras; quando se attenta no bulicio, no movimento infatigavel dos espiritos, no enthusiasmo communicativo de reis e de genios, sentimos uma especie de descoroçoamento doloroso vendo agora a pororoca do materialismo, ou antes da degradação moral, fustigar e esphacellar os mais robustos mareantes, os mais intrepidos navegadores.

O fio tradicional da belleza hellenica, perdido nos dez seculos de elaboração intestina, a que chamâmos edade média, encontrára-se ao cabo; e a arte, como a Julieta do poeta, conseguiu chamar a si, auxiliada por esse fio de seda, o amante querido, o esposo da sua alma, o paganismo classico, remoçado aos clarões esplendidos de uma alvorada espiritual e sublime.

Na frente dos que se grupam ao portal do seculo xvi, a pallida e suave physionomia de Raphael contrapõe-se e realça aos semblantes carregados e severos dos demais obreiros da civilisação moderna. Apenas um deixa cair da sua fronte melancolica a sombra que ainda vem entibiar o brilho do mestre; esse homem, esse leão, esse genio austero e feroz, que, á similhança de Moysés, fere os rochedos e faz saltar d'elles correntes de vida, esse homem é Miguel Angelo. Se fosse licito o arrojo de uma comparação, depois de vermos o seraphim de Raphael encolher as azas amedrontado ao fixar a aguia do *Penseroso*, diriamos que o discipulo de Perugino está para o creador do *Juizo final*, como Mozart, o espiritualista da musica, se nos afigura contraposto á torrentosa e sombria inspiração de Weber.

Raphael transportou o ceo para a terra; as suas virgens, conservando a feição divinal e etherea dos seres bemaventurados, perfumaram-se, todavia, com os fumos de uma sensualidade mimosa. O amor sorri

nos labios d'aquellas *madonas*, o sangue gira por baixo d'aquellas cutis aveludadas, os olhos que nos fitam não denunciam a nostalgia do paraiso, mas uma certa alegria serena, uma tranquillidade ineffavel.

O quadro que o *Archivo Pittoresco* apresenta hoje em gravura, e a que, salvo o engano, se dá o nome de *Virgem do Candelabro*, revela, como os outros de egual assumpto, as qualidades do pintor e as tendencias do seu engenho. Pertence elle, porventura, ao numero dos que constituem o segundo estilo ou *maneira* de Raphael. Os cartões grandiosos de Miguel Angelo e de Leonardo de Vinci, corrigindo a fórma sécca e mesquinha do methodo perugino, haviam dado ás creações de Sanzio o desafogo e a nobreza de que ellas a principio careciam. As virgens revêem-se na *Joconda*, scismadora e formosa; tem, como ella, a castidade da postura e do olhar, mas o devaneio do amor agita-se-lhes confuso no espirito.

O quadro original, de que a presente gravura é cópia, existe em Londres, segundo informações que reputâmos authenticas. Abstemo-nos de o apreciar pela simples impressão que nos causa o reflexo de uma grande luz; os primores do quadro ficaram pela maior parte na téla, com o colorido, com a harmonia, com o claro escuro: a gravura não é mais do que uma reverberação longinqua e sumida.

No *Ensaio pictorico* de Cunha Taborda vem o juizo succinto a respeito de Raphael Sanzio, ou de Urbino, como mais é conhecido. N'este juizo compendia o illustre professor o seu modo de ver e sentir n'estas rapidas palavras: — «Um engenho feliz, um imaginar fecundo, um compor simples e ao mesmo tempo sublime, boa eschola, grande correcção de desenho, graça e grandeza nas figuras, delicadeza e novidade de idéas, conveniente expressão nas attitudes, são os caracteres pelos quaes se podem conhecer as suas obras. No que respeita ao colorido cede a Ticiano; e na doçura do pincel, bem como na intelligencia do claro escuro, o excedeu Correggio.»

Temos por auctorisado o juizo de Cunha Taborda; foi elle feito sobre os trabalhos authenticos do mestre, e assentes na competencia do pintor nosso compatriota. Não diremos que Raphael possa caber na definição fugitiva de uma revista; o que elle vale e o que representa na historia do renascimento das artes é estudo que pertence a lavores de tomo, e que abrangem uma ordem de idéas de outro alcance e plenitude; o que póde, comtudo, acceitar-se é o epitome das suas linhas physionomicas.

Que poderemos accrescentar em applauso do pintor sublime? Os homens que se tem dado á observação d'essa quadra maravilhosa que vulgarmente se appellida *renascença*, esses tem commentado e julgado o papel de Raphael na vasta scena da germinação e da infloração dos espiritos. Taes indagações pertencem á historia, applicada esta ao exame dos grandes factos intellectuaes; o que não poderia ser defeso n'uma noticia despretenciosa e breve, era ementar os attributos e as condições geraes que cercam *o maior poeta do mundo*, segundo a phrase desmesuradamente leviana do tambem notavel Annibal Caracci. Raphael é um d'esses genios summos que, atravessando o espaço como cometas, deixam após si um largo sulco luminoso. Este sulco é pharol. Por elle se guiam os viajantes do ceo, os audaciosos romeiros do ideal. As gerações que passam mostram-n'o ás gerações que succedem; o esteiro serve de rumo até ás mansões de eterna belleza, até ás fontes perennes de doce e philosophica melancolia. *Raphaël vit de gloire et meurt d'amour*, disse um escriptor elegante; foi sobre estes dois fulcros supremos que girou aquella existencia, d'onde, como de uma taça divina, jorrou a flux o mais saboroso e puro nectar da renascença.

E. A. Vidal.

HISTORIA DE UMAS FLORES

(Conclusão. Vid. pag. 355)

V

Escondêra-se o sol no horisonte, e a noite, envolvida no seu manto escuro, avançára tranquilla e silenciosa.

Ouvia-se apenas, como uma canção mysteriosa, o susurro das auras beijando as folhas das arvores, e os suspiros da brisa acariciando as flores.

Sensitiva, inclinando a tenra hastea para o solo, parecia murmurar uma oração.

Girasol contemplava-a em silencio.

— Que tens? lhe disse. Vejo-te ha dias pensativa e triste, e por tuas pétalas deslisam suaves lagrimas. Por que é?

— Não sei, respondeu Sensitiva; mas um triste presentimento me definha... figura-se-me que a minha existencia está reservada para grande desgraça.

— Que pódes recear tu, exclamou Girasol, boa amante, amada e respeitada de todos, tu que és a admiração e o encanto da floresta!

— Padeço muito, disse Sensitiva, porque desejava ver a Ortiga carinhosa para mim e estimada das companheiras, e vejo, pelo contrario, que ella paga com ingratidão os meus favores, e com gelada indifferença os serviços que se lhe prodigalisam... e... padeço tambem porque o meu coração parece dizer-me que o teu amor me faltará quando seja mais necessario á minha existencia; e...

— Não prosigas, interrompeu Girasol; repelle vãos receios: o meu amor por ti será eterno... juro-t'o.

— Ai! exclamou a amante e terna flor; tambem assim o jurára aquelle melodioso Rouxinol á Violeta; outro tanto jurou Zephyro á Açucena, e um mentiu, e o outro deixou indifferente morrer de amor a pobre florsinha; tambem mil vezes jurou aquella doirada mariposa amor eterno á Camelia, porém, falsa e traidora, pediu o affecto de outras flores... Eu talvez tenha que finar-me egualmente, emmurchecendo, esquecida e desprezada como as minhas infelizes irmãs!

— Não, não, Sensitiva, és mais necessaria á minha vida que o sol, o ar e as aguas do arroyo que banham a terra onde estamos.

Sensitiva suspirou.

A verde hastea da Ortiga inclinava-se n'aquelle momento para a sua bemfeitora, parecendo implorar um afago, porém com o intento de interromper a conversação das duas flores ou poder ouvir as suas palavras.

Sensitiva acolheu-a carinhosa, dando-lhe um terno beijo.

— Sois muito boa, disse-lhe Ortiga, e mereceis que vos amem muito.

— Mas como é condição das flores não corresponder ao amor que nos professam, replicou tristemente Sensitiva, tu não pagas como merecia ser pago o meu sincero affecto... não me amas.

— Que não vos amo, dizeis? exclamou Ortiga. Como posso deixar de adorar-vos, se fostes para mim segunda mãe, se me protegestes, se depois cobristes as minhas tenras e delicadas hasteas com a vossa folhagem para livrar-me dos ardores do sol, se me banhastes em fresco rocio e vos inclinastes sobre mim para proteger-me do vendaval?... Ah! amo-vos e respeito-vos... as auras, as aves e as flores dão o exemplo, e eu... admiro-vos e adoro-vos.

N'aquelle momento uma branca e vaporosa nuvem velou a lua.

Sensitiva não pôde por isso ver a expressão de desdem, zombaria e desprezo de Ortiga ao proferir as ultimas palavras. Os sentimentos de seu ingrato e traidor coração reflectiam-se-lhe na physionomia, a despeito do que desejava representar.

VI

Ortiga fazia gala de sua louçania e ostentação de seus encantos. O seu vigor e a sua galhardia accrescentavam a sua vaidade. Dominando com as fórmas as pequenas e timidas plantas, roubava-lhes o ambiente, o sol e o orvalho; e repetidas vezes a terna e delicada Sensitiva era victima do mesmo desdem e orgulho.

Tinha as proporções de Girasol, ao qual havia muito tempo procurava captivar com os seus afagos.

Girasol, por sua parte, victima dos enganos e das carinhosas velleidades de Ortiga, cada dia sentia augmentar a sua ardente paixão por esta flor; e embora a dissimulasse, escondendo-a no mais recondito do coração, procurava nas frescas noites em que o vento agitava as suas hasteas confundil-as descuidadamente com as d'aquella planta, deixando de vez em quando depositar na sua corolla algum beijo, que Ortiga fingia não sentir.

Ortiga não amava Girasol; desejava o seu amor por vaidade, por amor proprio, e porque os maus instinctos do seu coração a induziam a roubar á desventurada Sensitiva o objecto de seu carinho.

Aborrecia tudo o que era mais formoso que ella, odiava o que não podia dominar, e as flores que ostentavam mais variados matizes e perfumes mais intensos eram alvo de suas ironias e desprezos.

A bondade de Sensitiva, apesar do muito que padecia por causa d'isto, sobreexcitava Ortiga. A amizade que lhe professavam as outras plantas ateava no seu coração a mais odienta inveja.

— Não desejo o amor de nenhuma flor, dizia fallando para comsigo; quero que tenham medo de mim.

VII

Decorreram assim alguns dias.

A noite cobrira a terra com o seu negro manto.

As frescas brisas embalsamavam o ambiente.

A abobada celeste apparecia deslumbrante com os seus milhões de estrellas.

As flores inclinavam as corollas, repousando em tranquilla e suave felicidade.

As aves descançavam nas suas camas de pennas.

Havia em tudo serenidade.

Sensitiva não podéra, todavia, socegar.

Reclinada como em lethargo, sentia o que se passava ao redor, e por sua mente luctavam os mais tristes presentimentos.

Entre o susurro do vento julgou ouvir fallar em voz baixa.

Eram Girasol e Ortiga, com effeito.

Sensitiva não se alterou; inclinou a cabeça, fingiu dormir e escutou.

— Esperava com anciedade este momento, minha Ortiga, dizia Girasol; posso, em fim, provar-te que te amo; e posso sem testimunhas dar folga aos sentimentos da minha alma. Não é verdade que tu desejas, como eu, que cheguem estas horas?

— Desejo-o, sim; embora não devesse desejal-o. Tu não amas como dizes, respondeu Ortiga.

— E pódes duvidar d'isso? exclamou Girasol.

— Posso. O teu amor por Sensitiva não se extinguiu ainda, apesar dos teus continuos protestos, replicou desdenhosamente Ortiga. Prodigalisas-lhe mil caricias, e a cada momento me vejo esquecida por ella.

— Sabes que a sua bondade e confiança me obrigam a expressar-lhe um amor que não sinto; e sabes tambem que por quem vivo, por quem respiro, é por ti... e que daria mil vezes a vida por um de teus olhares ou por um d'esses suspiros perfumados que me inebriam a existencia. Quando chegará o momento da minha completa felicidade?

— Quando seja só amada por ti, lhe respondeu a perfida planta; quero que acabe o teu fingimento, quero que ámanhã, em presença das flores, das auras e das aves, proclames o teu amor para mim e o teu desprezo para Sensitiva.

— Que não faria por teu amor, replicou com vehemencia Girasol, eu que te amo com toda a força da minha alma e com toda a intensidade de um amor infindo. Ámanhã, o meu prazer, a minha felicidade e o meu orgulho serão que as auras, as aves e as flores saibam que te adoro. A minha vida é a tua.

— Pois tambem será tua a minha vida... disse Ortiga.

E Sensitiva viu com dor profunda, com agonia immensa, que as hasteas das flores se entrelaçavam e se juntavam as suas corollas, e ouviu o ruido de um ardente beijo.

Viu em um instante destruidas todas as suas esperanças, enganada traiçoeiramente na sua amizade e carinho, e vendida no seu amor.

Viu fugirem-lhe todas as illusões, como foge um bando de pombas ao apparecer o milhafre.

Dobrou as suas folhas, olhou para o ceo e caíu em deliquio.

VIII

Começava a nascer o dia.

As aves cantavam tristemente, e os seus trinados assimilhavam-se aos queixumes de um menino.

Choravam por Sensitiva.

As aguas murmuravam as angustias da flor, e o susurro das folhas das arvores era parecido a uma melancolica elegia.

Flora, vaporosa e aérea, annunciava ás flores a vinda do sol.

A deusa parou ante a Sensitiva, e, olhando tristemente para a flor, exclamou:

— Vêde o que é o mundo, assim entre os homens como entre as flores; o bom e o fraco padece e é victima da maldade do que tem mau coração, e sentimentos perfidos e baixos; mas para a virtude ha o premio e a expiação para o crime... para vós outras chegou, porém, o castigo, castigo eterno...

«Tu, Girasol, que foste inconstante e perfido, que mentiste amor á Sensitiva, porque a innocente e credula entregou-te o coração cheio de pureza e candura, e enganaste-a cruelmente, não poderás nunca voltar a vista para outra flor, e, a teu pezar, terás que olhar eternamente para o sol, o qual te abrazará, e será impossivel que ames assim outra planta.

«Tu, Ortiga, que, infeliz e abandonada, encontraste amparo e protecção, e depois atraiçoaste a que foi tua segunda mãe; tu, que és a imagem da crueza e da ingratidão, viverás de hoje em diante odiada e aborrecida, porque tratarás cruamente o que quizesse dedicar-te o menor afago ou quizesse aformosear-se com as tuas flores; ver-te-has desterrada dos campos e jardins, pois logo que alli te reproduzas te arrancarão e destruirão com desprezo e horror.

«E tu, minha pobre e infeliz Sensitiva, terna e formosa planta, tem fé e constancia; não desanimes; vive e continúa a seguir, como até aqui, a senda da virtude. Serás o adorno dos jardins, e cuidarão de ti as mais bellas e gentis creaturas, que te confiarão os seus amores quando o rouxinol nas florestas te dedicar as mais melodiosas endechas; mas recorda-te sempre da hora em que Girasol te dedicava os seus suspiros e a aura murmurava sentidos amores.»

IX

O sol estava em meio horisonte. Os seus ardentes raios, caíndo em cheio na floresta, murchavam a corolla de uma flor que, anciosa e a seu pezar, ia seguindo o curso do astro sem poder apartar d'elle nunca a vista. Era Girasol.

Arrancada e quasi sécca em uma rocha se via uma planta, que se queixava e suspirava tristemente, sem que as aves, as auras, nem as flores ouvissem as suas queixas nem se apiedassem de seus lamentos. Era Ortiga.

Ao occultar-se o sol no occidente, quando as frescas e alegres brisas vagam de flor em flor, roubando-lhes os aromas, e o zephyro vem afagal-as, uma planta negava os seus perfumes ás auras, enrolando as folhas envergonhada e assustada, fugindo assim do amor, do zephyro, das brisas e das aves. Era Sensitiva.

FRANCISCO DE PAULA SOUSA E MELLO

Na antiga villa, hoje cidade, de Itú, cabeça da comarca mais central da abastada provincia de S. Paulo, que se ufana de haver sido patria dos dois illustrados irmãos, Alexandre e Bartholomeu Lourenço de Gusmão, e onde mais tarde viram a luz os tres Andradas, José Bonifacio, Martim Francisco e Antonio Carlos, de justiça preconisados como fundadores e patriarchas da independencia, sem fallar agora de outros varões egualmente celebres nos fastos modernos do Brasil, nasceu tambem, a 13 de junho de 1791, aquelle de cuja biographia trataremos n'estas breves linhas, o conselheiro, senador e ministro do imperio, Francisco de Paula Sousa e Mello.

Foram seus paes o dr. Antonio José de Sousa, nascido em Portugal, e graduado em canones pela universidade de Coimbra, e D. Gertrudes Celedonia de Cerqueira Leite. A morte prematura d'aquelle, acontecida ao fim de quatorze mezes, deixou o menino no berço, entregue exclusivamente aos cuidados da desconsolada viuva.

Francisco de Paula viera ao mundo dotado de uma organisação extremamente debil e tão delicada, que, inspirando receios pela sua vida, difficultava os progressos da sua educação. Comtudo, as forças do espirito suppriam a fraqueza do corpo; mostrava desejo insaciavel de saber, e tinha memoria felicissima, que nunca o desamparou em todo o curso da vida. Aos sete annos de edade havia concluido os estudos de primeiras letras, aos dez o da grammatica latina, e aos doze traduzia correntemente o francez e italiano. Servíra-lhe de guia n'estes estudos, para os quaes faltavam mestres em Itú, um padre Campos, ex-jesuita, que alguns dizem seu parente proximo, e que por aquelles tempos regressára de Roma para a America. Sequioso de maior instrucção, determinou passar a S. Paulo, e assim o effectuou, vencendo a repugnancia materna, que para dissuadil-o empregára inutilmente afagos e instancias.

Chegado a S. Paulo, não só se aperfeiçoou no estudo das linguas que aprendêra, mas deu-se egualmente ao da lingua ingleza, cursando tambem as aulas de historia e geographia, philosophia e rhetorica. O immoderado ardor com que seguia os estudos, e o abuso que fazia da leitura, devorando incessantemente quantos livros podia haver á mão, produziram sobre a sua debil saude os effeitos que eram de esperar. Uma violenta ophtalmia, acompanhada de gastrorhéa, o assaltaram de sorte que, para escapar-lhes, teve de sujeitar-se com resignação ás prescripções da medicina. Viu-se comdemnado a uma reclusão e encerro absolutos, com privação de luz, abstenção da leitura e dieta rigorosissima. Assim passou quasi quatro annos, dos dezoito aos vinte e um, isto é, na edade mais florente da vida. Porém não que esse tempo precioso fosse para elle perdido. De contrario, serviu-lhe para combinar e pôr em ordem a profusão de idéas e doutrinas, bebidas até então com avidez nas diversas fontes que encontrára.

Volvendo já restabelecido ao trato do mundo, sem que, todavia, abandonasse os estudos do gabinete, achou-se uma das mais fortes e mais cultas intelligencias da sua epocha. Applicou-se então de preferencia ao cultivo das sciencias sociaes e do direito, consagrando-lhes todo o tempo não absorvido pelos cuidados domesticos (casára-se em 1819 com uma sua prima, filha de Antonio de Barros Penteado) ou pela administração dos bens que constituiam o mediocre patrimonio que de sua familia herdára.

Com o anno de 1821, e retirada para a Europa del-rei D. João VI, tomaram nova face as coisas politicas do Brasil, e os sentimentos de independencia, não mais comprimidos nos corações dos brasileiros, começaram a manifestar-se, passando das conversações particulares para os actos publicos. E o primeiro d'estes, em que se acham escriptas as palavras *independencia do Brasil*, é, segundo a affirmativa de um escriptor contemporaneo, nosso respeitavel amigo, uma representação ou mensagem da camara de Itú, redigida ainda em 1821 por Sousa Mello, na qualidade de seu secretario, que então era. N'ella se requeria á camara de S. Paulo «que désse plenos poderes aos seus deputados nas cortes de Portugal para ahi tratarem da emancipação do Brasil.» Foi de conformidade com esses principios, e como conhecedores das idéas e sentimentos politicos de Paula Sousa, que seus patricios o elegeram n'esse mesmo anno deputado ás cortes de Lisboa. Elle, porém, escusou-se, allegando por impedimento o estado melindroso da sua arruinada saude; se é que sob este pretexto se não occultava o desejo de seguir de perto os movimentos que já então se preparavam, e em que elle se dispunha para tomar activa parte.

Proclamada pouco depois a independencia do imperio e completa separação da mãe-patria, foi Paula Sousa novamente eleito deputado á assembléa constituinte, e n'ella tomou assento em 1823. Logo nas primeiras sessões apresentou um projecto de lei tendente a melhorar as desgraçadas circunstancias do thesouro publico. Porém os seus collegas, absortos por então nas vagas e complicadas theorias do idealismo politico, pouco ou nenhum caso fizeram do projecto, que não chegou a merecer as honras da discussão. E ou porque esta indifferença o desgostasse, ou porque outras causas imperassem no seu animo, o certo é que no tempo que mediou até á dissolução do congresso e dispersão de seus membros, elle se conservou em constante e impassivel silencio, restringindo-se a mandar para a mesa uma ou outra vez a declaração escripta de voto sobre tal ou tal assumpto.

Recolhido á sua provincia após a dissolução, não descançou (palavras textuaes dos seus biographos); continuou, pelo contrario, na propaganda constitucional, e inoculando em todos os espiritos as crenças e opiniões dos mais celebres publicistas; e muito concorreu, de combinação com Feijó (seu patricio, e que foi mais tarde regente do imperio), para que a camara municipal de Itú apresentasse aquellas admiraveis observações á constituição que, em cumprimento de sua real palavra, o sr. D. Pedro I offereceu aos brasileiros.

Eleito deputado á assembléa legislativa (cujo presidente foi por votação quasi unanime no primeiro mez da sessão de 1827, e continuaria provavelmente a sel-o nos seguintes, se elle não fizesse instancias para escusar-se a tal encargo, allegando o seu estado valetudinario), tomou desde então tal parte em todos os actos e discussões da camara, que parece não haver um só em que elle não interpozesse a sua opinião, roborando-os ou modificando-os com o seu voto auctorisado. Os regimentos dos conselhos provinciaes, as leis organicas das camaras municipaes, da creação das academias ou faculdades do imperio, do poder judiciario, da liberdade de imprensa, da responsabilidade minis-

terial, foram todas votadas com o seu concurso, e na discussão d'ellas revelou tão profundos e variados conhecimentos, que attrahiu a attenção de todos, e forçou ao respeito os mesmos que anteriormente olhavam com piedoso desdem para o timido e modesto auctor do projecto destinado a melhorar a situação e expediente financeiro do thesouro publico. A sua debil e arruinada saude não o impedia de concorrer assiduamente ás sessões, achando-se na camara á hora da abertura (dez da manhã), e guardando religiosamente o seu posto além das marcadas no regulamento, sempre que os trabalhos se prorogavam, como acontecia frequentes vezes.

Tal foi o seu desempenho em todas as legislaturas para que teve a honra de ser constantemente eleito, até trocar a cadeira de deputado pela de senador, em 1833.

Não esfriaram com a nova collocação o seu amor ao trabalho, e o sentimento dos deveres que contrahíra na qualidade de homem publico e representante da nação. No senado, como na camara electiva, continuou a pugnar pela realidade e mantença do systema representativo, que era por elle definido: «Governo que tem por base a justiça, por agente a opinião publica, e por fim o maior bem do maior numero.»

Suas idéas e principios foram por vezes acceitos e convertidos em lei; outras, porém, passaram consideravelmente alterados, ou soffreram mutilações que lhes tiraram toda a efficacia, levando-os a produzir resultados diversos, e até contrarios, d'aquelles que



Francisco de Paula Sousa e Mello

se propunham. Apontam-se como exemplos d'essas leis mutiladas a dos circulos, a das incompatibilidades, a da reforma do conselho de estado, etc. Todo o seu fim (falla ainda um dos seus biographos), o *desideratum* politico a que aspirava, era consolidar as instituições do paiz de modo tal, que, resistindo ao impulso desmoralisador do seculo, podessem sem perigo aproveitar-se das legitimas e solidas conquistas do espirito humano.

Chamado aos conselhos da coroa, foi em 20 de julho de 1847 nomeado ministro do imperio; porém, reconhecendo para logo a inutilidade dos seus esforços, pediu e obteve a demissão em 28 de agosto do mesmo anno. «Mais idealista do que pratico (são palavras de outro eloquente historiador), encontrou para realisal-os aquelles obstaculos naturaes, que lhe deviam fazer nascer a sua natureza de philosopho e de homem virtuoso, porque tinha uma transparencia de alma que não é propria para a direcção de um mundo onde pleiteiam a verdade com o interesse e a moral com o egoismo. Nas epochas criticas só triumpha a dupla natureza do estadista que é Argus no conceber e Briareu no executar.»

Não foi, comtudo, sufficiente para dissuadil-o esse primeiro desengano. Ao seu modo de ver as coisas, dependia a melhor solução do problema ministerial de que houvesse no conselho um presidente que imprimisse em todo o movimento do machinismo governativo o caracter de unidade de pensamento, que julgava indispensavel. De conformidade com essas idéas, pelas quaes tanto pugnava, sua magestade imperial o sr. D. Pedro II, por decreto de 31 de maio de 1848, houve por bem nomeal-o ministro da fazenda e presidente do conselho; sendo esta a primeira vez que no Brasil appareceu tal entidade. O resultado mostrou-se-lhe, porém, diverso do que elle se phantasiára. Havia tomado como programma do seu ministerio —*justiça e tolerancia*—, e pretendia que estas palavras se convertessem em realidades. Vendo que não lhe era possivel conseguil-o, e que mais e mais se lhe aggravavam as enfermidades com o excesso do trabalho e dissabores que continuamente supportava, determinou-se a resignar o governo nas mãos de sua magestade em 29 de setembro do mesmo anno de 1848.

Desde então os padecimentos recrudesceram a ponto

de não lhe consentirem mais um instante de descanço. Ultimamente, um pequeno tumor canceroso, que lhe apparecêra no rosto, serviu de prova derradeira ao seu tão longo e experimentado soffrimento. Pungido das dores da molestia, não menos que das do curativo com que a sciencia se esforçava em vão por vencel-a, viu aproximar-se o seu termo fatal, e expirou em fim com a resignação e constancia proprias do sabio, a 16 de agosto de 1852, tendo completado pouco antes 61 annos.

O sr. Manuel de Araujo Porto-Alegre, de cujas eruditas phrases nos aproveitámos por vezes n'estes apontamentos, commemorando, na sessão solemne do instituto historico de 15 de dezembro de 1852, a perda do chorado collega, fecha do modo seguinte o elogio funebre que dedicou á sua memoria:

«Um grande pensamento occupou toda a vida do nosso illustre consocio: o amor da verdade.

«Amava a monarchia constitucional; tinha fé nas suas instituições; preferia a razão á conveniencia, e a tolerancia á compressão. Todas as acções da sua vida, todos os combates da sua consciencia, foram uma harmonia constante, foram um acto meritorio, onde a sua heroica abnegação triumphava constantemente. Pelo amor da verdade immolou sempre o interesse, e por ella sacrificou mais de uma vez o seu egoismo. Escravo da logica, não conheceu outros meios além dos legitimos; mas a sua imaginação engrandecia os perigos, assim como a sua videncia os aproximava. Antigo e constante sustentaculo das instituições que vira nascer, e que havia elaborado, parecia-lhe que com a sua vida perigava a ordem, e que esse mundo do espiritualismo, que o havia fortificado, caminhava para cair no fanatismo dos partidos, e retalhar-se entre as intrigas da cubiça, da avareza e da ambição.

«Temia pelo senado; mas no momento em que encarava o seu passado e os homens celebres que n'elle se assentaram, sua alma se dilatava na contemplação d'esse areopago, que havia rasgado o decreto de banimento do fundador do imperio, e salvado a monarchia no meio dos destroços da guerra civil!

«Nos seus ultimos dias era agitado por uma força mysteriosa, que o impellia a apparecer no senado. Havia n'elle uma manifesta desinquietação de despedir-se da patria, e de mostrar do alto da tribuna o ultimo clarão da sua existencia luminosa. Preparou-se para isso, mas a morte o paralysou.»

Tal foi, em resumo, a vida de Paula Sousa. Esmerando-se por bem merecer da patria, morreu querido de amigos, respeitado de adversarios; e o Brasil chora ainda na sua falta a perda de um de seus mais prestantes filhos e leaes servidores.

Innocencio Francisco da Silva.

UBI NATUS EST?

Quando emprehendi o meu estudo sobre Luiz de Camões, estudo que veiu em os numeros anteriores d'este *Archivo*, não tive em mente discutir ou resolver as graves dúvidas que existem a respeito da vida do nosso épico. Tracei as principaes linhas biographicas por entender que seria bom partir do homem para chegar ao escriptor: mas entendendo que, por vezes, o facto poderia esclarecer o verso, nunca pensei em me soterrar no poço tortuoso das investigações e das inferencias. Para a critica litteraria de nada serviria tal rigorismo; demais, a existencia de Camões, como todos sabem, é uma teia de probabilidades e de suspeitas.

Honrou-me o sr. D. Miguel Sotto-Mayor, escriptor polido e sisudo, como deveriam ser todos os que escrevem, refutando a parte em que eu me inclinei para Alemquer, como patria de Luiz de Camões. Ora todos suppõem, de certo, que me não eram estranhas as opiniões em contrario; sabia dos argumentos em prol de Lisboa, sobre tudo, e lêra em mais de um auctor qual a interpretação dada ao soneto C, segundo a boa hermeneutica.

Por que me abalancei, portanto, a votar com os que pleiteiam por Alemquer? Confessal-o-hei ingenuamente.

Basta ler uma unica vez o soneto alludido para nos convencermos de que não é elle um necrologio postiço, um distico esculpido para a sepultura de um estranho. N'aquelles versos ha um queixume proprio, uma querela sentida, uma commoção que não engana. Confessava o bispo de Vizeu que jámais o podia ler sem vehemente commoção de saudade. Este reparo moveu-me a raciocinar um pouco. Assentei no meu animo que o soneto era um respiradoiro da alma soffrente de Camões; precisava de o explicar de um modo razoavel.

De quem se diz que esses versos são epitaphio? Faria e Sousa, creio que o primeiro de todos, assevera que elles se referem ao soldado Ruy Dias, que Affonso de Albuquerque mandou enforcar pelo encontrar com a escrava.

Se a ser o conto verdadeiro, o soldado galan morreu *enforcado* por ordem do vice-rei, como é que Camões nos diz expressamente:

> «..................mas ar corruto,
> Que neste meu terreno vaso tinha,
> Me fez manjar de peixes, em ti, bruto
> Mar.........................?»

A darmos ás palavras o seu apertado sentido, este *ar corrupto* não póde nunca ser equivalente ao triangulo do agastado conquistador. Parece-me, depois d'isto, que será preciso pedir a Faria e Sousa que recrute um novo soldado para ajustar no soneto.

E em Luiz de Camões vejamos agora como é que elle se amolda, como se concilia, como se ageita. Os dois impedimentos que se apontam são, em primeiro logar, dizer o poeta:

> «Foi-me tão cedo a luz do dia escura,
> Que não vi cinco lustros acabados;»

e em segundo, avançar que foi *feito manjar de peixes*, quando se acredita que expirou estatelado entre dois pobres lençoes de caridade.

Mas por que não hão de ser esses *cinco lustros* em que se lhe escureceu a luz do dia, por que não hão de ser, pergunto, os vinte e cinco annos em que elle deixou amores, esperanças, consolações do lar, para se metter na nau dos *Burgalezes*, e dar principio á sua vida de desconfortos e desgraças? A idéa de morte, ligada a estas palavras, terá tão boas razões como a do decantado desterro para Santarem? Vejamos um pouco abaixo da superficie.

Quanto ao *manjar de peixes*, por que ha de a phrase significar indefectivelmente o pasto de um cadaver? Por que não será um modo de dizer figurado, em que o poeta compendie, com um traço de arrojo, todos os soffrimentos, baldões, naufragios, durezas da sua vida maritima?

Aqui tem o meu illustre oppoente, sem rendilhados de estilo nem arrebiques de fórma, o que me levou a acreditar no soneto C como epitome sublime da vida do nosso grande poeta. Versos d'aquelles só os inspira uma dor profunda, queixas tão plangentes não as improvisa a imaginação.

O que fica dito prova que algumas razões me assistiram quando aventei Alemquer como berço do divino épico. Confesso, todavia, muito á puridade, e

para allivio de consciencia, que estou prompto a rejeitar como falsas as minhas probabilidades, logo que os meus contrarios as apresentem mais bem fundadas. Não me faço campeão de desconfianças, nem quebro lanças endeusando a sombra á dama dos meus pensamentos. Adoro Camões, sem me incommodar muito com a terra da sua naturalidade. Lá que elle fosse portuguez é o que me importa. Eu sou dos que tem o mau gosto de não querer consumir a vida apurando se Homero nasceu em Argos ou em Smyrna.

E. A. Vidal.

O ENSINO DO MUNDO

Nada encontrâmos no universo que não possa servir para nos instruir. No espaço, onde aprouve a Deus collocar-nos, apparecem, brilham e multiplicam-se as lições e os exemplos.

Não desprezemos, pois, a terra nem a vida. A terra é o theatro do nosso aperfeiçoamento intellectual e moral; e a vida é boa ou má, segundo o uso que d'ella fazemos. Somos fracos: por que nos admira isso? Não é a lei natural desde todo o principio?

Os annos terrestres são como os dias da infancia do homem eterno. Conservemo-nos fieis aos nossos puros instinctos; sejamos sinceros e attentos; tenhamos vontade firme, animo, fé e confiança; e, abalados pelas promessas sublimes que nos fazem pulsar o coração, caminhemos sempre!

O convencimento de que todos os auxilios de que necessitâmos estão ao alcance da nossa intelligencia e da nossa aptidão, sirva-nos de norma e estimulo.

BREVE NOTICIA SOBRE A ORIGEM E PROGRESSOS DA MARINHA PORTUGUEZA

(Vid. pag. 358)

III

Sob o governo del-rei D. João III teve começo a decadencia da monarchia. Comtudo, aquelle vigoroso impulso, que tanto e tão rapidamente dilatára o imperio portuguez, ainda neutralisou por algum tempo, até certo ponto, os germens de dissolução moral, legado do reinado antecedente, e as influencias sinistras que cercaram constantemente o throno de D. João III. Assim vimos, pois, continuarem no Oriente a resplandecer, com o reflexo da gloria militar, a estrella de Portugal; e no reino a desenvolver-se e a crescer a marinha de guerra e mercante.

Não proseguiu el-rei nas emprezas guerreiras que illustraram os reinados de D. João I e D. Affonso V, n'essas conquistas dos Algarves de Africa, em que os portuguezes se exercitaram para maiores commettimentos. Em contrario d'isto, foram abandonadas pelos nossos algumas praças, cuja posse custára penosos sacrificios. Entretanto, a defensa e segurança das que não quizeram largar obrigaram a metropole a enviar continuados soccorros, em que por vezes se empregaram numerosas armadas.

Do mesmo modo deram motivo a grandes armamentos navaes, na Asia as allianças e guerras dos soberanos indigenas contra o nosso dominio; na Africa occidental e oriental, bem como em toda a India e ilhas do Oceano, o desenvolvimento do commercio; e no Brasil as primeiras diligencias para a sua colonisação, e a necessidade de afugentar d'alli os aventureiros de differentes paizes da Europa, que pretendiam roubar aquella rica joia da coroa portugueza.

Não saíram do Tejo, pois, nem de nenhum outro porto do reino, em todo este reinado, armadas poderosas como aquellas que foram á conquista de Ceuta, de Alcacer Seguer, de Tanger, Arzila, etc. Esses tempos de grandes aventuras eram passados. Todavia, os planos e diligencias do sultão do Egypto, poderosamente secundados pelos soberanos da India, para nos expulsarem da Asia, forçaram os portuguezes a empregar esforços supremos para manterem o seu poder e conservarem o prestigio do seu nome n'aquellas longinquas regiões. Foi na India, por conseguinte, que a marinha del-rei D. João III fez ostentação de toda a sua força.

Em 1525 foi o governador D. Henrique de Menezes com uma esquadra de cincoenta navios destruir a povoação de Panane, nos estados del-rei de Calecut.

No anno de 1536 surgiu no porto de Diu uma das maiores armadas que até alli se tinham visto reunidas nos mares da India. Compunha-se de mais de 200 velas, entre naus, galeões, galeaças, galés, galeotas, bergantins, fustas, catures, juncos, zambucos e cotias. Com esta formidavel armada foi o governador Nuno da Cunha tentar a conquista de Diu.

No anno seguinte saiu de Goa o mesmo governador com outra armada, que constava de perto de 200 embarcações, grandes e pequenas, com que foi visitar os portos da costa, intimidando os inimigos e inspirando confiança aos alliados da coroa portugueza.

Em 1552, achando-se a cidade de Ormuz sitiada pelos turcos, levou-lhe prompto e efficaz soccorro o vice-rei D. Antonio de Noronha, em uma armada de oitenta e tantos navios, em que entravam trinta naus e outras embarcações de alto bordo.

Finalmente, no anno de 1556, o governador Francisco Barreto, depois de ter enviado uma esquadra de sete navios de guerra para a costa do Malabar, e outra de cinco navios e uma galeota para as ilhas Maldivas, aprestou e capitaneou uma armada de 150 embarcações, grandes e pequenas, e com esta força foi correr a costa do norte.

N'esta curta resenha apenas mencionâmos algumas das principaes armadas que dos portos da India portugueza saíram ao mar durante o governo del-rei D. João III. As outras, menos fortes, com que os vice-reis e os governadores acudiam a todo o momento, onde as necessidades mais urgiam de soccorro, formariam um catalogo muito extenso.

Para que se faça idéa das armadas, compostas de cinco a sete naus e galeões, que a metropole mandava annualmente á India, com reforço de tropas e provisões de guerra, e que na volta traziam importantes carregamentos de especiarias, poremos aqui a somma total dos navios. Desde o anno de 1522, primeiro do reinado de D. João III, até 1557, em que falleceu, saíram de Lisboa para o Oriente 228 naus e 20 caravelas. E tambem para que se ajuize do atrazo em que ainda se achava a construcção naval, e da impericia dos pilotos, diremos que d'esse numero de navios perderam-se na ida tres caravelas e vinte e oito naus, seis das quaes se submergiram com toda a gente que levavam; e na volta dezenove naus, perecendo todas as pessoas da guarnição em onze d'ellas.

Concorria muito para estes desastres carregarem demasiadamente os navios, empachando-lhes ás vezes o convez a ponto de difficultar a manobra aos tripulantes. Porém, além d'isso, succederam numerosos naufragios, uns por defeito de construcção, outros por ignorancia dos pilotos, e alguns tambem por culpa dos commandantes. Por vezes aconteceu separar-se da frota um navio e ir naufragar nos parceis da costa, por querer o commandante encurtar a viagem, indo mais proximo da terra, com o fim de chegar ao porto do seu destino primeiro que os outros navios da armada.

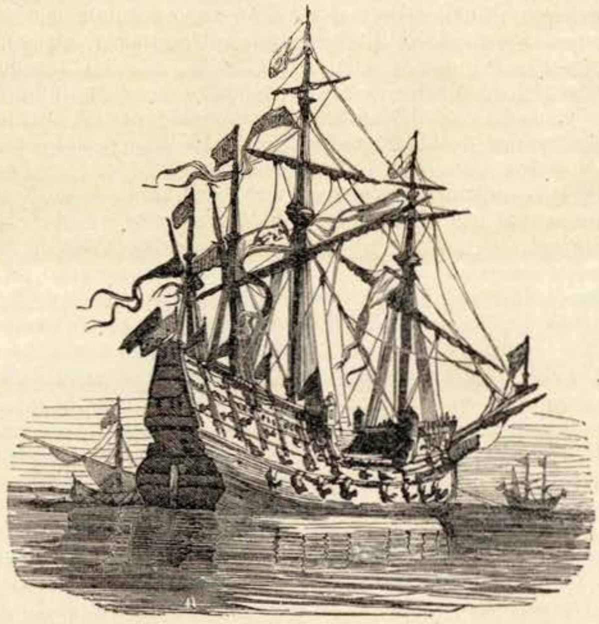
Em fim, como complemento d'este quadro, embora apenas e mal esboçado, accrescentaremos que, ao mesmo tempo que as armadas portuguezas assoberbavam os mares do Oriente, surgiam nos differentes portos do

Brasil, e cruzavam nas costas do reino e nas aguas dos Açores, uma grande esquadra, saída do Tejo em principios de abril de 1535, tomava uma parte muito conspicua no ataque e tomada da cidade de Tunes.

Tendo-se assenhoreado dos estados tunesinos, pela expulsão do bey Moley-Hassan, o celebre *Barba Roxa*, terror da christandade em todo o Mediterraneo, resolveu o imperador Carlos V accommetter aquella fera no quasi impenetravel covil a que se acolhêra, e d'onde ameaçava com maiores e novos perigos a marinha das potencias christãs.

O exercito que *Barba Roxa* levantára para com elle assegurar o seu dominio; as fortificações que defendiam a cidade de Tunes, e principalmente as do porto da Goleta, que tinham nomeada em toda a Europa, passando, no dizer de muitos, por inconquistaveis, faziam mui difficil, e até arriscada, a empreza de Carlos V. Por taes razões recorreu este soberano ao auxilio del-rei D. João III, solicitando uma armada, e especialmente o grande galeão *S. João*.

Annuindo ao pedido, enviou el-rei D. João III uma esquadra, composta do dito galeão, que ia por capitania, de duas naus, e vinte das maiores caravelas da nossa marinha, com alguns transportes carregados de munições. Era guarnecida esta esquadra com 618 canhões e 2:400 soldados, além dos marinheiros, e de muitos fidalgos que n'ella embarcaram como voluntarios, desejosos de adquirirem gloria. Foi commandada pelo general Antonio de Saldanha, o *Velho*.



Nau de guerra no seculo XVII

Foi esta armada reunir-se em Barcelona com a do imperador. Poucos dias depois chegou a esta cidade o infante D. Luiz, irmão del-rei D. João III, que, para participar dos perigos e triumphos d'esta empreza, saíra secretamente da cidade de Evora, sem communicar a el-rei o seu intento.

No dia 31 de maio levantaram ferro as armadas alliadas, conduzindo o imperador e o infante. Como seja estranho ao nosso fim a historia do cêrco e conquista da Goleta e de Tunes, bastará dizer-se que no dia 14 de junho foi tomada a primeira [1], e no dia 21 a segunda, fazendo a sua entrada n'esta cidade o imperador Carlos V e seu cunhado, o infante D. Luiz, no meio de enthusiasticas acclamações da tropa vencedora.

Para o prospero successo d'esta empreza contribuiu poderosamente a esquadra alliada, cabendo, porêm, a maior gloria d'este feito naval ao galeão *S. João*, em que ia embarcado o infante D. Luiz.

Era este galeão o maior navio que tem tido até ao presente a marinha portugueza; e dizem que n'aquelle tempo não havia em toda a Europa outro de tão grandes dimensões. Tinha cinco baterias, e n'ellas 366 peças de artilheria de bronze. Na pôpa e na prôa erguiam-se dois alterosos castellos.

Não sabemos a medida d'este vaso colossal. Mas, em um folheto attribuido ao dr. Jorge Coelho, que se presume ser escripto em tempo del-rei D. João III, diz-se que a sua quilha tinha comprimento e meio da maior nau da India. O numero de pessoas que transportou á tomada da Goleta póde tambem servir para se ajuizar das extraordinarias dimensões d'este navio, verdadeiramente extraordinarias para aquella epocha. Além da tripulação, que devia ser muito numerosa para poder marear similhante navio, levou este a seu bordo 600 mosqueteiros, 400 homens de espada e rodela, e 300 artilheiros.

Conforme referem os nossos historiadores, tinha este galeão no beque um talhamar de aço, com o qual rompeu, á segunda investida, a cadeia de ferro com que os moiros fecharam a entrada do porto da Goleta. Porém, não obstante o testimunho de varios escriptores, o silencio de outros muito auctorisados faz duvidoso este facto. Entretanto, é incontestavel que o referido galeão, ao qual o povo deu o nome de *Bota fogo* pelo muito que de si vomitava, prestou grande serviço n'aquella memoravel acção, não só pela actividade do seu fogo, mas tambem por ser dirigido de uma posição superior, que ficava a cavalleiro dos outros navios da armada e das proprias baterias do porto.

Diz o citado folheto do dr. Jorge Coelho, que este galeão fôra construido nas Portas do Mar [1], em Lisboa, pelo mestre João Gallego; que se começára a 29 de agosto de 1533, e que, empregando-se na sua construcção 230 operarios, se lançou ao mar no dia 24 de junho do anno seguinte.

Quando falleceu o cardeal rei D. Henrique, em 31 de janeiro de 1580, ainda existia ancorado no Tejo o famoso galeão *S. João Baptista*. É sabido que D. Antonio, prior do Crato, filho bastardo do infante D. Luiz, sendo um dos sete pretendentes á coroa por morte de seu tio, o cardeal rei, fez-se acclamar rei de Portugal, em Santarem, aos 19 de junho do mesmo anno, e poucos dias depois em Lisboa. Tentando oppor-se, durante o seu ephemero reinado, á entrada da esquadra e do exercito de Castella, mandou fundear defronte de Belem o galeão *S. João* e mais alguns outros navios de guerra; e elle, com as suas tropas, mal armadas e sem disciplina, foi postar-se junto á ponte de Alcantara. Tudo isto, porém, foi baldado. Ao cabo de fraca resistencia, a esquadra castelhana surgiu em frente de Lisboa, e o exercito do commando do duque d'Alva, depois de haver derrotado e afugentado o prior do Crato e a sua hoste, entrou na cidade, onde acclamou a el-rei D. Filippe II.

Em todo o reinado de D. João III não fizeram progressos as sciencias nauticas, bem como a arte de construcção e apparelho. Construiram-se muito maiores naus e galeões do que até então; elevando-se a sua lotação de 400 a 800 e 900 toneladas. Mas commettia-se o erro de não pôr a mastreação e o panno em harmonia com as proporções, força e estabilidade dos cascos. Foram estes defeitos causa de muitos desastres, porque os navios ficavam assim em más circunstancias para poderem resistir ao impeto dos ventos e á furia das vagas.

(Continúa) I. DE VILHENA BARBOSA.

1 Os auctores portuguezes variam no dia d'este triumpho. A data que lhe assignâmos é a que nos parece mais provavel.

1 Dava-se o nome de *tercenas das Portas do Mar* a um dos arsenaes de marinha de Lisboa, o qual era situado onde hoje vemos o mercado do azeite e edificios adjacentes, á Ribeira Velha.

Lisboa — Typographia de Castro Irmão — rua da Boa-Vista — palacio do conde de Sampaio